

Diplomacia

» SACHA CALMON
Advogado



G O M E Z

O termo abarca em seu número de atividades exige diagnósticos precisos e medidas adequadas. Os países costumam dividir a diplomacia em três grupos temáticos: reunir os amigos, desunir os inimigos e ganhar posição de mando estratégicos. Alguns exemplos recentes ilustram nossos dizeres.

Em 72 horas, a Rússia retomou a península estratégica da Crimeia da Ucrânia, que adentra o Mar Negro, onde no lado exatamente oposto está a Turquia, membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) contrário à Rússia e seus históricos aliados, Bielorrússia e Cazaquistão, que usam o Mar Negro para atingir o Oriente Médio, o canal de Suez e o Índico, a saída de seus navios mercantes e militares para o Mar Mediterrâneo e, finalmente, o Atlântico Sul (Península Ibérica, Grécia, Balcãs) e o Oriente Médio, onde tem bases na Síria. É de vital importância para ela.

Pois é, bastaram um “informe” do serviço secreto (1 minuto) e as 72 horas que se lhe seguiram. A Ucrânia perdeu a Crimeia tradicionalmente russa (90% dos habitantes), entre eles os tártaros da Criméia. No passado, foi entregue pelos russos, no tempo da União Soviética de Stalin, que aliás era da Geórgia (região do mar negro) à zeladoria da Ucrânia. Com o avanço da Comunidade Econômica Europeia (CEE) e a possibilidade de entrar para Otan, a Rússia agiu rapidamente. Com o desfazimento da União Soviética e a manutenção de Kiev, um dos berços da Rússia na esfera política desta última, a Crimeia ficou com a Ucrânia. O namoro com a CEE atrapalhou.

A virada ao ocidente para “participar da União Europeia”, tipo de canto das sereias, fez a situação mudar da água para o vinho. O resultado todo mundo soube. A Ucrânia perdeu a Crimeia em 72 horas juntamente com a sua soberania. Esperneou à vontade. Hoje, está convencida de que errou, foi usada. Em política internacional vale o cálculo e a experiência secular. Ninguém mais se interessou.

O mesmo ocorreu com o Tibet, alvo de uma campanha mundial de endossamento de sua religião e de sua independência. Em uma semana, a China a ocupou militarmente. Construiu uma estrada de ferro facilitando-a à China e enviou cem mil pessoas para trabalhar no campo, fábricas e hotéis na região junto com suas mulheres, e ordenou ao Dalai Lama que aceitasse a situação. Hoje, ninguém fala mais dele, o Dalai Lama. Não há mais interesse.

O acidente estava usando-o em palestras e conferências e de nada lhe rendeu a

sua propalada sabedoria. Em suas meditações não lhe ocorreu que o Tibet pertencia à China desde há 3 mil anos e que Pequim jamais aceitaria o ocidente no topo do mundo, com um Dalai Lama pró-ocidental ao invés de neutro como sempre foi.

A guerra — já disse um sábio — é a diplomacia por outros meios, outra dimensão, igual a falar mal do rival (fake news), mas comum do que se pensa. O racismo americano, por exemplo, é um horror tremendo na África e Ásia, quando não nos Andes e aqui na América do Sul Atlântica. Entretanto, a diplomacia mais em voga hoje é a comercial, nula no governo Bolsonaro, preocupado com “ideologia” e um medo medonho do Lula. Talvez se candidate a senador...

O Brasil sempre foi elogiado pela sua democracia, tanto que lhe cabe abrir os trabalhos da Organização das Nações Unidas (ONU). Entretanto, no governo que está a findar-se, viramos párias.

Ao Brasil cabe integrar as nações andinas de fala espanhola com acesso de estradas que cheguem aos Andes, e revigorar o tratado do Mercosul, completamente abandonado, aglutinando a América do Sul.

São vizinhos próximos com culturas hispânicas e indígenas capazes de ser assimiladas pelo poder concentracionário do Brasil.

Entretanto, nada fizemos!

É estultice afrontar a China, de longe a maior compradora e, pois, sustentáculo do nosso agronegócio. Deveríamos ter organizado caravanas de empresários à China e celebrado tratados. Nada disso ocorreu, muito pelo contrário. Não é apenas inabilidade política mais ignorância.

Descabe a qualquer presidente opinar sobre as eleições argentinas ou norte-americanas. Pois não é que fizemos isso em prol dos derrotados? Foi nesse governo. Ao invés de integração comercial, fizemos discursos ideológicos vazios e nos isolamos.

A nossa política externa deve ser revisada. Chegamos a ser removidos da posição de primeiro parceiro comercial da Argentina, pela China, a meio mundo de distância. Bolsonaro anunciando que vai à Rússia é uma boa iniciativa comercial. Isso tão logo acabe a crise com a Ucrânia. No particular a China já se declarou aliado da Rússia e de suas precauções de se não ser rodeada por nações hostis. A Rússia de resto é provedora de gás e petróleo a Europa Oriental Ocidental através de oleodutos e gasodutos, o que incomoda os EUA. A Alemanha e a principal compradora. Biden tem se queixado desse fato que prejudica as companhias do ocidente que trazem petróleo do oriente médio.

útero materno, antes mesmo de nascer. O remédio foi utilizado em muitos países, inclusive o Brasil. Quarenta e dois países foram afetados. Por conta de o laboratório ser na Alemanha, o país foi particularmente atingido. Mas, surpreendentemente, mães americanas nunca tomaram Talidomida.

As americanas foram poupadas, simplesmente porque a Talidomida nunca chegou a ser autorizada no país. No momento de examinar o dossiê para aprovação, a farmacologista canadense Frances Kelsey, que acabava de assumir seu cargo na Food and Drug Administration (FDA), achou o dossiê, enviado para a aprovação, enxuto demais e não ficou convencida com os dados de segurança apresentados pelo laboratório. Pediu mais informações. Sua reserva atrasou o procedimento. No ínterim, estourou o escândalo mundial, o remédio foi proscrito e rejeitado em todos os países. A responsabilidade da Talidomida no surgimento de focomelias fora reconhecida. O medicamento foi retirado do mercado mundial.

O fato é que o cuidado de Frances Kelsey salvou da morte, ou de uma vida muito limitada, um número importante de bebês americanos. Ela passou a ser considerada uma heroína nos Estados Unidos e condecorada pelo presidente Kennedy em 1962. Quando morreu, em 2015, aos 101 anos, o *New York Times* escreveu: “A mulher que salvou os bebês americanos”. Embora o país não tenha tido malformações, a violência do choque abriu uma oportunidade política para reformar o mercado farmacêutico, fortalecendo a FDA. E todas as agências responsáveis por liberar medicamentos no mundo inteiro, inclusive no Brasil, onde temos a Anvisa.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Um pesadelo em sobressalto

Caso se confirme o que indicam alguns órgãos de pesquisa de opinião pública, sobre uma possível vitória de Lula da Silva na corrida presidencial deste ano, ficarão patentes, para essa geração e para as próximas, lições que demonstram que algumas das peculiaridades que concorreram, de forma enviesada, para a nossa formação histórica, desde 1500, continuam presentes em nosso modelo político, social e econômico atual, fazendo de nossa nação um caso a ser estudado no campo da psicologia e um modelo a ser evitado, a qualquer custo, por todo e qualquer país civilizado.

Em primeiro lugar, o que salta aos olhos é a impossibilidade de concretização do que determinam as leis, quando o que está em julgamento são interesses e pessoas poderosas. Nesse caso, são as próprias cortes de Justiça, em suas instâncias superiores, que cuidam para que nenhum processo contra as elites tenha chance de prosperar. Tal fato remete à confirmação de que nem todos são iguais perante as leis. Uns são sempre mais iguais do que outros.

Uma segunda conclusão, caso venham a ser confirmadas as previsões afoitas divulgadas pelos órgãos de pesquisa, é que o crime, apenas quando praticado por indivíduos e grupos do alto da pirâmide social, principalmente pela classe política, sempre vale a pena, porque nunca resulta em punição ou ao menos em arrependimento. A atuação política, conforme praticada no Brasil, pode ser classificada como amoral, ou seja, isenta de outros julgamentos e características de ordem ética.

Em terceiro lugar, o que uma possível vitória de um ex-presidente pode evidenciar é que leis de improbidade, crimes de corrupção, assim como a própria Lei da Ficha Limpa, são instrumentos jurídicos que não atingem o andar de cima. Nesse ponto, vale, entre nós, a máxima de que corrupção política deve ser tratada e ficar restrita no âmbito dos tribunais eleitorais, consideradas como delitos eleitorais leves.

Outra lição que poderá ser retirada de uma volta de Lula e de seu grupo ao poder é que, de fato, como disse um famoso brasileiro, cada povo tem o governo que merece. Com isso, ficará patente a tão comentada falta de memória dos eleitores e o pouco cuidado que os brasileiros guardam com relação à importância do voto e da cidadania para a vida de todos. Essa possível vitória permitiria ainda observarmos, em tempo e lugar, o ditado que vaticina que a história, quando se repete, vem em forma de farsa ou de tragédia.

Outra evidência que poderá ser retirada desse desfecho penoso das eleições é que a escolha política e ideológica para a composição do Supremo Tribunal Federal está no cerne de todos esses problemas. Mesmo com relação ao Congresso, poderá ficar confirmada sua inanição diante de descabros que permitiram que alguém possa, de um átimo, sair da cadeia e subir a rampa do Palácio do Planalto, impávido e pronto para uma nova razia aos cofres da nação.

Não se enganem: a uma possível volta de Lula significa, antes de tudo, uma volta de seu grupo e de seus métodos. Doravante, mais sofisticados e feitos de acordo com as novas leis que, seguramente, serão elaboradas para deixar toda a atuação do “novo” governo dentro das novas balizes legais, escritas para proteger suas más ações.

Para os brasileiros de bem, que assistem a tudo calados e atônitos, a simples possibilidade de estarem vendo Lula em discursos para sua claqué, atacando promotores e juízes que o julgaram e condenaram, parece um pesadelo a nos aprisionar num passado em que o subdesenvolvimento eterno é tudo que nos resta.

» A frase que foi pronunciada

“Os nossos inimigos contribuem mais do que se pensa para o nosso aperfeiçoamento moral. Eles são os historiadores dos nossos erros, vícios e imperfeições.”

Marquês de Maricá

Sofrimento

» Depois de analisar 13 milhões de casos, a Fundação Oswaldo Cruz publicou um estudo que mostra que, no SUS, mais da metade dos brasileiros em tratamento contra o câncer precisam se deslocar da própria cidade para tratamento especializado. Fadiga, falta de dinheiro, longos períodos de espera e alimentação inadequada são algumas das reclamações mais recorrentes.

Câmpus

» Marcelo Ferreira, administrador do Lago Norte, esteve com Simone Benck da Universidade do Distrito Federal (UnDF) para acertar os detalhes do primeiro câmpus universitário na região. No CA 02, as obras da reforma do prédio começaram. Em março, tudo estará pronto.

» História de Brasília

Já que estamos em Taguatinga, vamos reclamar contra a falta de serviço funerário. Os filhos dos candangos, quando nascem não são registrados. Os pais esperam se a criança sobrevive, registra, senão, é preciso transportá-la para o Plano Piloto. **(Publicada em 17.02.1962)**

Vidas humanas e órgãos regulares

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular da Unicamp, doutor e livre-docente da USP

Um funcionário desconfiado e cuidadoso da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) pode exigir que o laboratório responsável pela produção de um medicamento apresente farta comprovação de sua eficácia e segurança. Para alguns, essa atitude pode dar a impressão de protelação. Contudo, ela pode salvar muitas vidas. Acabo de ler um importante livro sobre a história da saúde humana e destaquei um episódio, tristemente verdadeiro, que revela como a pressa em aprovar medicamentos pode, em vez de salvar, ameaçar e até ceifar vidas. O que relato é baseado na leitura da versão original da obra, de Jean-David Zeioun, em francês (*La Grande Extension: Histoire de la Santé Humaine*), mas brevemente o livro estará circulando em língua portuguesa com o título *História da saúde humana*.

A indústria farmacêutica, como o próprio nome revela, é uma indústria. Isso significa que, dentro do mundo capitalista, em que ela atua e nós vivemos, elabora seus produtos e procura vendê-los, no mercado. Já se pode falar de uma indústria farmacêutica em meados do século 19. Contudo, só um século depois é que essa indústria começou a se dedicar à população mais ampla, não apenas aos setores mais privilegiados da sociedade. Isso vai ocorrer quando produtos considerados “maravilhosos” são desenvolvidos (como a própria penicilina) e funcionam como solução para numerosos casos.

Houve, também, nos anos 50 do século 20, um desenvolvimento dos testes. Para verificar sua eficácia, o remédio passou a ser testado não apenas em laboratório. As experiências passaram a envolver animais e, mais tarde, até humanos. E uma nova prática se

desenvolve nessa fase, a de exigir não apenas a eficácia de um medicamento, mas também segurança. Mais testes asseguram mais segurança, mas encarecem os produtos: o custo agregado do remédio subirá, e ele pesará mais no bolso do consumidor. Mas hoje não se admite mais utilizar medicamento que não tenha sido devidamente testado em humanos. Assim caminha a indústria de medicamentos.

O grande desafio é encontrar a dose certa de um remédio para prescrever a alguém e resolver seu problema de saúde, sem que ele produza demasiados efeitos negativos. Claro que a aceitação desses efeitos tem a ver com o mal que aflige o paciente e com a chance que ele tem de melhorar com aquele remédio. Alguns efeitos podem ser previstos e, embora indesejados, tolerados. Outros medicamentos, contudo, podem produzir efeitos secundários de tal monta que seu uso acaba se tornando inviável.

Uma importante mudança ocorreu após a tragédia da Talidomida. Esse caso é mundialmente conhecido: o medicamento foi comercializado na década de 1950, por um laboratório alemão, para atenuar as náuseas das mulheres grávidas. Mas a Talidomida era teratogênica, isto é, provocava malformações nos fetos. A anomalia mais característica era a focomelia (o termo designa os membros da foca). É uma atrofia dos membros, com implantação direta das mãos e dos pés no tronco. A criança nascia, praticamente, sem braços e sem pernas.

Estima-se que, aproximadamente, 10 mil crianças nasceram com tais malformações devido à Talidomida tomada pela mãe. Um número desconhecido de bebês morreu no